

Da Vinci *Journal*

Vitória, 10 de Novembro de 2012

V Fórum Da Vinci de Discussão Estudantil

VITÓRIA— O V Fórum Da Vinci de Discussão Estudantil teve início na noite do dia 09, no Anfiteatro La Gioconda, e contou com a presença dos inúmeros delegados, seus respectivos mesários, coordenadores do projeto – Lorena Bonadiman, Joelmo Costa e Marcelo Moreto –, a diretora da instituição, senhora Maria Helena Pignaton, o professor Luiz Henrique Menezes e o sempre-aluno Lucas Rezende Costa. Estes dois últimos proferiram discursos para a comunidade do Fórum ali presente.

A senhora diretora, Maria Helena, abriu as portas de sua instituição para que se tornasse palco temporário das discussões.

Por fim, o sempre-aluno Caio Marques bateu o martelo e uma nova edição do Fórum foi instaurada.

Os temas discutidos foram os problemas econômicos, políticos e sociais da América Latina, o conflito da Síria (em português e inglês) e os problemas econômicos, sociais e políticos da União Europeia.

| Da Vinci Journal |



Luiz Henrique Menezes



NESTA EDIÇÃO

OEA 2 e 3

CS 4 e 5

CE 6 e 7

SC 8 e 9

Melhores Momentos 10

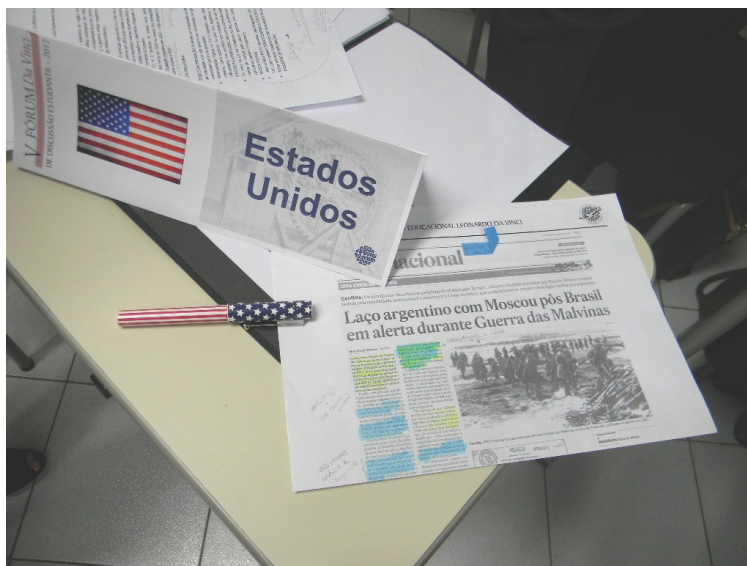


Ilhas Malvinas: de quem é o controle?

VITÓRIA—Os debates da noite de 9 de novembro envolveram uma questão de extrema importância e divergência entre os países representantes da Organização dos Estados Americanos.

A discussão acerca das Ilhas Malvinas, arquipélago situado a 500 quilômetros da costa argentina, contou com o embate de fortes opiniões lideradas. Em uma frente, estavam alguns países, como Estados Unidos - representante do Reino Unido no comitê - e seus aliados, como México, Canadá, Belize, Colômbia e outros. Estes defendiam a manutenção da posse britânica devido a questões sociais e à incapacidade de governar a região, por parte do governo argentino, como citou a delegada estadunidense.

Contra-argumentando as acusações sofridas, a delegada da Argentina alegou que a região deveria ser governada por um país pertencente ao continente americano, e que os objetivos de sua nação não estão direta-



mente relacionadas às questões econômicas, como a exploração do petróleo do território.

Como solução, os delegados a favor do controle britânico nas ilhas propuseram a doação de uma quantia de dinheiro para a nação argentina a fim de defender “a tão aclamada justiça”, além da divisão de cerca de 10% do ouro negro da região. Em meio a tantos embates, o que não faltou foram demonstrações de que as nações da OEA estão empenhadas em buscar uma solução para os problemas da América.

Possível invasão pode mudar rumo das discussões na OEA

BUENOS AIRES — A manhã do dia 10 de novembro de 2012 foi marcada por uma importante notícia que, possivelmente, mudará os rumos da discussão dos países representantes da OEA.

O anúncio de que Cristina Kirchner, presidente da Argentina, ordenou a movimentação de tropas para a região sul do país, com apoio venezuelano, reacendeu uma guerra que havia terminado há cerca de 30 anos.

Há notícias de que a população local já começa a abandonar as suas casas, com medo das consequências que este anúncio pode causar.



Entrevista com a delegada da Argentina

Durante os debates sobre temas de grande repercussão, como a questão do narcotráfico e a discussão a cerca das Ilhas Malvinas, uma delegada se destacou. Não foi somente pela validade de seus argumentos, mas também por adoção de políticas conciliatórias com os países divergentes. Segue abaixo uma entrevista com a delegada da Argentina, Noelle Matias:

Jornal: O que a senhora delegada achou das discussões de hoje?

Delegada: Está sendo muito produtiva, apesar de alguns países estarem adotando posições inflexíveis. Estamos tentando chegar a um acordo que favoreça a ambos os lados.

Jornal: Qual a posição da Argentina em relação às Ilhas Malvinas?

Delegada: Acredito que as Malvinas nos pertencem por herança deixada pela Espanha e que o principal motivo do Reino Unido para querer a região é que lá se encontra uma de suas maiores bases navais.

Jornal: Qual a posição da Argentina em relação ao narcotráfico?

Delegada: Penso que os Estados Unidos podem aju-



dar os países que sofrem com o narcotráfico, caso o treinamento de tropas dos países sul-americanos seja temporário e que não haja armamentos norte-americanos na América do Sul.

Narcotráfico é discutido na OEA

VITÓRIA - Uma questão que gerou embates de opiniões e de argumentos foi a discussão a respeito do narcotráfico, que está fortemente presente no continente americano.

Países como os Estados Unidos, México e Paraguai afirmaram que estão propostos a solucionar o problema das drogas em seus respectivos territórios. Em contrapartida, o delegado venezuelano argumentou que soluções devem, sim, serem criadas, mas que outras nações sul-americanas deveriam atuar de forma mais incisiva e não deixar os Estados Unidos tomarem a frente da resolução do problema individualmente.

Este mesmo delegado acusou os norte america-



nos de tentarem monopolizar a América. Contra-argumentando a acusação, o representante da nação estadunidense argumentou que as FARC eram responsáveis por causar medo nos países bolivarianos, e que, sem sua ajuda militar, esse grupo "terrorista" continuaria a apoiar os narcotraficantes.

Confrontos entre delegados

A noite do dia 9 de novembro foi, em grande parte, movida por conflitos pessoais entre os membros permanentes do Conselho de Segurança (CS). A validade das fontes foi questionada, o que gerou confrontos, especialmente entre os delegados da França, Rússia, Reino Unido, Estados Unidos, China e Síria. Cabe reconhecer, no entanto, que após um alerta da mesa, os países começaram a propor medidas para colaboração da questão síria.

Atrito entre Rússia e França

Por toda parte emergem alegações de falsas informações. Atritos foram gerados entre Rússia e França quando mencionada a interceptação do avião russo na Turquia. Os delegados da França afirmam que o avião continha armamentos para a demanda dos rebeldes sírios, assim como defendem as delegadas turcas. Em contrapartida, a delegação russa nega tal acusação ao dizer que no avião havia apenas rádios.

Terroristas ou rebeldes?

VITÓRIA - Observa-se uma acentuada desordem ao analisar as informações cedidas pela imprensa e sua posição em relação à questão síria. A OTAN insiste em citar o número de mortes e as atrocidades feitas com as crianças, como torturá-las para conseguir chegar aos seus pais rebeldes. Muitos países, como a própria Síria, colocam em dúvida a legitimidade dessas informações. De acordo com os EUA, foram fornecidas pela própria ONU e então questiona se há realmente um verdadeiro propósito deste país ser um membro da organização.

Outro fato que gera curiosidade é o modo com que os delegados chamam os civis



da Síria que estão diante do conflito. Por um lado, terroristas e por outro, rebeldes. Qual seria o mais apropriado? Para a China, Irã, Rússia e Síria é evidente que tais indivíduos formam uma margem pequena em relação aos cidadãos e que, dessa forma, provocam a paz antes estabelecida. No entanto, países ocidentais afirmam que o termo mais correto seria "rebeldes" e como melhor defendeu o delegado da África do Sul, "terrorista é um termo incorreto. São civis buscando por seus direitos."

Proposta de resolução

VITÓRIA - Após as inúmeras trocas de insultos, os delegados do Comitê de Segurança finalmente se cansaram e decidiram se unir para o início das propostas de resolução, ainda na noite de 9 de novembro. Por iniciativa dos senhores delegados da China, França, Irã e Israel, foi formulado um documento de trabalho relacionado à situação dos refugiados civis e rebeldes nos países vizinhos.

Configurou-se, assim, que os campos de refugiados serão assistidos pelos

capacetes azuis (ONU) estabelecidos no Líbano e na Turquia. A Cruz Vermelha intermediará a recepção dos recursos e distribuirá alimentos e remédios. Os refugiados contarão também com auxílio médico, moradia e translação dos civis da síria até os campos. Vale ressaltar que os países integrantes dos "BRICS", Alemanha, EUA, França e Reino Unido fornecerão os recursos financeiros, além de doar suprimentos para que os refugiados sejam assistidos.

Assuntos do dia

No segundo dia de discussão do Fórum Da Vinci, os senhores delegados foram mais precisos a respeito das propostas a serem discutidas. As intrigas pessoais foram amenizadas, mas mesmo assim o consenso foi difícil de ser alcançado. Entre os temas norteadores discutidos estão: questão da fronteira entre Turquia e Síria; a questão das colinas de Golã entre Israel e Síria e por fim a questão do arsenal bioquímico sírio.

Situação das armas

Outra proposta estabelecida na agenda é a situação do arsenal bioquímico sírio. Muitos delegados defendem que tais armamentos são uma possível ameaça, uma vez que a nação síria está em plena guerra civil. Delegados de Israel, EUA, Reino Unido, França, Alemanha e entre outros, buscaram propor a transferência desse poder bélico para algum país imparcial (Nigéria, Líbano e Índia se propuseram) sob a vigilância da ONU. Contudo, a Síria confia em seu exército e não aceita a interferência, apoiado pelos delegados da Rússia, China e Irã. Dessa forma, está sob a ameaça de uma intervenção militar inflexível por parte dos EUA. Até o final da impressão do jornal, nenhuma medida foi concluída de maneira eficaz.

Questão das Colinas de Golã



VITÓRIA—Outro conflito que gera muita discordância é a questão das Colinas de Golã. Os senhores delegados da Síria e de Israel debatem sem apresentar uma conclusão que promoverá uma concordância de ambos os lados. Tanto um quanto o outro não estão favoráveis a ceder o território. Israel só estará disposto a abrir mão de Golã caso a Síria reconheça Israel como um Estado, iniciando assim, um caminho

em busca pela paz. Ao considerar a região instável, com vizinhos os quais considera ameaças para seu povo, (Irã como terrorista, Síria como governo que massacra sua própria população e o Hamaz que pretende derramar o sangue judeu em seu próprio território), vê, então, nas colinas de Golã, um ponto militar estratégico para sua proteção.

Em contraponto, Síria afirma que Israel invadiu seu território e defende que a ONU declarou a ação como irregular, ficando então, do lado da Síria deste quesito. Sendo que Israel não possui o apoio nem dos EUA, seu principal aliado, afirma que o delegado israelense não tem o direito exigir nada.

Crise no Conselho de Segurança

VITÓRIA—No início da terceira sessão de discussão no dia 10 de novembro, uma crise foi instaurada. Os senhores delegados tiveram acesso a um vídeo e a uma reportagem, intitulada “Vídeo mostra atrocidades de tropas sírias”. O material informava a violência cometida pelos rebeldes, que arrancaram com faca a orelha de soldados, ou, como chamam, “cães de Assad”.

Foram documentados vários outros relatos, como a execução de soldados sírios enfileirados aguardando sua morte. Os EUA utilizaram seu discurso para pro-



mover um minuto de silêncio para as 32 mil mortes já registradas. Já Israel fez o pedido para haver um segundo pensamento em relação ao veto da China e Rússia, acarretando em uma discussão relacionada aos vetos e às sanções, além da importância dos países recém mencionados.

A questão da Turquia



Turquia, Alemanha e França

VITÓRIA — A noite do dia 9 de novembro foi marcada por uma discussão a respeito da questão da entrada da Turquia na União Europeia.

Alguns delegados, como o da Alemanha, se colocaram contra a participação do país. Estes se justificam dizendo que a entrada da Turquia significaria um aumento no déficit do grupo — as imigrações turcas se tornariam mais frequentes, o que poderia retirar trabalho dos europeus e externalizar o capital destes. Além disso, sua economia está atrasada em relação às demais economias europeias e a Turquia faz fronteira com regiões precárias em relação ao terrorismo.

Outras nações, como o Reino Unido, se posicionaram a favor, pois vi-

ram a entrada da Turquia na União Europeia como uma possível solução dos mercados que hoje se encontram em situações precárias.

Apesar de apresentar como argumento de defesa que o crescimento de seu PIB tende a diminuir as imigrações e que o país agiria respeitando completamente os Direitos Humanos, a Turquia se mostrou a favor com o Documento de Trabalho nº1. Este documento afirma a entrada dessa nação na União Europeia como imatura, visto que a situação de crise momentânea desse bloco não permite que o mesmo corra riscos. Ademais, os países da União Europeia se comprometeram em retomar negociações para a adesão da Turquia no bloco futuramente.

Entrevista com o delegado da Alemanha

Durante as discussões, um delegado se destacou, tanto por seus posicionamentos, como pela validade dos mesmos. Segue abaixo uma pequena entrevista com o delegado alemão.

Jornal: O debate atendeu às suas expectativas?

Delegado: Atendeu em termos de argumentação e excedeu as expectativas no que diz respeito ao que foi determinado, bastante benéfico para a União Europeia. No entanto, não estou completamente satisfeito. Além disso, tanto eu, quanto o delegado da França nos flexibilizamos ao longo da discussão, em relação às nossas decisões.

Jornal: Como você espera que seja o desenrolar da discussão?

Delegado: Espero que o bloco chegue a um consenso sobre os euro bondes. Isso pode causar brechas na estrutura do bloco por inteiro. Ademais, é preciso pressionar a Espanha para pedir resgate e salvar os bancos.



Medidas de austeridade fiscal

O Euro permanece!

No primeiro dia de fórum foi debatido quanto à questão do euro como moeda única para todos os países da união europeia e após várias nações se posicionarem, um documento de trabalho foi elaborado com o intuito de chegar a uma solução. Este documento afirmava que como todas as nações se posicionaram a favor da permanência do euro como moeda única do bloco, não haveria alterações quanto a isso.

Segundo os delegados, a moeda possui uma taxa de juros baixa e poderia facilitar mudanças no território europeu. Além disso, sua retirada poderia causar algo semelhante à crise imobiliária dos Estados Unidos, o que prejudicaria ainda mais a situação econômica dos países europeus.



Na manhã de hoje, dia 10 de novembro de 2012, foi feito um debate em torno das medidas de austeridade fiscal implementadas por países da União Europeia para conter a crise financeira. Austeridade em um país significa rigor quanto ao controle de gastos. Uma política de austeridade é requerida quando o nível do déficit público é considerado insustentável e é implementada através do corte de despesas.

Após um longo período de discussão, foi decidido que o Mecanismo Europeu de Estabilidade receberá uma licença bancária a fim de que seja possibilitado a esse mecanismo a prática do “*bailout*”, isto é, da recapitalização direta dos bancos. Para que essa licença fosse possível, algumas condições foram impostas, são elas:

- I – Anexação de um órgão fiscalizador bancário ao Banco Central Europeu, para que os empréstimos feitos diretamente aos bancos sejam seguros;
- II – Os empréstimos serão feitos de forma fragmentada;
- III – O BCE decidirá a valor dos empréstimos e também funcionará como órgão aconselhador e regulamentador de restrições das políticas orçamentárias dos paí-

ses, mas sem a possibilidade de vetos ou imposições;

IV – Os bancos tem que garantir empréstimos a juros baixos para a população, assim como para o setor primário e para o setor industrial. Em caso contrário, os empréstimos serão paralisados.

V – Os bancos devem guardar, em seus cofres, no mínimo 15% do dinheiro recebido. Além disso, devem ser incentivadas as iniciativas de bancos de rotação de capital, respeitando os dois polos de desenvolvimento e a retirada dos depósitos, em tempos de crises, investimentos considerados de risco;

VI – A recapitalização direta só será feita nos bancos dos países que estejam demonstrando a tentativa de redução de déficits, e isso será decidido pelo BCE;

VII – Ao BCE será dado o poder de análise e julgamento de países para a regulamentação de planos orçamentários considerados benéficos, bem como as medidas austeras a serem adotadas por cada nação.

Syrian Crisis: Foreign Policy Priority



VITORIA —The current situation in Syria was discussed by all the member nations of the Security Council in the two days of discussion. The delegates of each country stated their opinion, and gave countless speeches about the uprising Syrian crisis that began in March 2011.

The nation's issues were debated by one country after another, from China: "A military intervention will not solve the problem of the

Syrian people, it will only increase the violence numbers, and the killing of thousands of civilians;" to Israel: "Military intervention is necessary to stop the bloodshed and to restore peace in Syria."

The President Bashar Al- Assad had a few defenders, like Iran, that entirely supported all the speeches given by the Syrian delegate. Russia and China, permanent members of the Security Council, supported the proposal of the creation of refugee camps in Turkey, Iran, and Lebanon.

It is important to say that all the nations were trying to achieve a resolution to put an end to the suffering of the Syrian people.

Are Human Rights Truly Universal?

VITORIA — Iran is a country in which religion and government are intimately tied. Islamism is the official religion of the State, and the Iranian delegate strongly defended its country's position about the respect of its traditional and culture values.

A polemic issue that complicates the dialogue between the Western culture and the Arab world is the theme of the Human Rights. One should approach this topic with great respect, due to the fact that the document is an effort to guarantee peace and dignity to all the human beings around the world. The Universal Declaration of Human Rights is more than a half century old, but critics still ask about the supposed idea that the document is a Western concept, ignoring different backgrounds worldwide. It is also a philosophical issue because all rights and values are defined by limited cultural perceptions. According to the Arab countries since there is not such a thing as "universal culture",

there are no universal human rights. Therefore, how can the Declaration of Human Rights support, at the same time, so many diverging cultures around the world?

On the other hand, the delegate from Denmark stated on the first day of discussions that the Human Rights should be followed by all the nations members of the UN because this is not a matter of culture. Also, the French delegate declared in her first speech that the Human Rights are a relevant way to practice tolerance and live together in peace for the well-being of men and women all around the world.

To sum up, the discussion on the Security Council is focused on the debate over the Human Rights being being a human issue or a culture one. Dialogues leading to a positive agenda are essential to solve the problems in Syria, and most of all, to protect the people.

Fighting for the Syrian people

The discussions on November 9th started based around the current situation between the rebels in Syria and the countries which support presidente Al-Assad. Although the Security Council members have divergent opinions about the subject, all of them were willing to find a resolution. Each delegate supported his/her opinion. Countries like Japan, Brazil and Israel proposed the installation of a medical basis in Turkey. Syria was willing to cooperate, but at the same time the delegate stated that any solution would have to be solved among the allied countries.

Nations help

The discussion related to the refugee camps seems to be a question unanswered.

Until the first break in the morning, Syria refused to accept Turkey's help because it is not an allied country. Iran was offering the territory to shelter refugees, but because of geographical reasons it would not be possible. The proximity to Iraq generated fear because of the possibility of Al-Qaeda attack.

After a lot of discussion, finally Syria agreed with the decision as long as Lebanon could also harbor refugees people. But Turkey admitted that the country was offering weapons to the rebels and that made all the situation change again.

Syria's Crisis and the Global Response



VITÓRIA—The conflict in Syria has already killed thousands of civilians, and the UN considered that the situation is a civil war. Four nations represented by their delegates stated their opinion about the best proposal that needs to be passed in the Security Council in order to end the bloody conflicts between rebels and the government. The delegate of the United States of America brought up the words of the President Barack Obama: "It is a major concern for the American people that the Syrian civilians are protected, and the USA is in favor of finding a diplomatic solution without military intervention." The Syrian delegate stated that the country has internal issues to be solved, and the government of Bashar Al-Assad is

capable of resolving them. She also declared that Syria will only accept refugee camps in allied countries because they share the same values and culture. Russia, a great supporter of the Syrian government, declared that the national sovereignty must be respected. The internal issues that Syria is facing should be avoided by the country, and other nations should not interfere in the conflict. On the other hand, the State of Israel defended a military intervention to stop the Syrian civil war. The delegate stated that Syria is proved to have chemical weapons inside the country, and Israel fears that these weapons may be used against the Syrian population.

Melhores Momentos

